

# plataforma por um Partido dos Trabalhadores

## Os trabalhadores face às eleições legislativas de 10 de Março

No dia 10 de Março, os trabalhadores deste país são chamados a votar em eleições para a Assembleia da República, depois de uma muito mal contada dissolução da anterior pelo presidente.

Entre os jovens e trabalhadores que se deslocarão às urnas (milhões abstêm-se), poucos serão os que irão votar com entusiasmo num dos partidos concorrentes. Grande parte irá, como é necessário, usar o voto para tentar evitar o “mal maior” de uma vitória da direita e da extrema-direita fascista.

Cada um à sua maneira, todos sabemos que, 50 anos depois da revolução iniciada em 1974, “Abril” continua por cumprir.

Há 9 anos, os trabalhadores e a juventude depositaram esperanças numa maioria de esquerda para acabar com o pesadelo da troika. Repetiram esse voto nas eleições seguintes.

Como ignorar, porém, que os governos da geringonça e do PS mal cancelaram os cortes mais escandalosos do período anterior? Como ignorar que mantiveram grande parte da legislação da direita, que ainda hoje impede aumentos salariais, faz disparar as rendas e destrói a contratação colectiva?

Os governos “de esquerda” prosseguiram a política de austeridade. Mudou, no fundo, que os cortes mais brutais passaram a ser no investimento público e nos serviços públicos, na saúde, no ensino, na habitação, nos transportes.

Estes serviços concentram muito do que chamamos as “conquistas da revolução”. Sem SNS, ensino público e habitação pública (esta, já literalmente exterminada), os trabalhadores, em Portugal, simplesmente não têm como sobreviver com os salários e pensões que auferem.

Os acordos da geringonça, tal como o governo PS, basearam-se na obediência férrea às ordens da União Europeia e da NATO. Acontece que os tratados e instituições da UE e NATO só permitem uma política: cortes sem limites para os trabalhadores, lucros sem limites para os bancos e os patrões – e cada vez mais mais guerras contra os povos pelo mundo fora.

Infelizmente, todos os partidos em quem os trabalhadores têm confiado o seu voto, PS, PCP e BE, já declararam sem margem para dúvidas que continuarão a acatar este quadro.

A variedade de medidas que propõem e que poderiam, algumas delas, beneficiar os trabalhadores e a juventude, soçobrará, portanto, ao primeiro aviso da Comissão Europeia sobre a livre concorrência e as obrigações dos tratados; ao primeiro discurso do Banco Central Europeu sobre o défice e a dívida; ao primeiro ataque das agências de notação...

É claro que uma nova maioria dos partidos de esquerda suscitará certamente um suspiro de alívio entre a maioria dos trabalhadores e da juventude. Todos sabemos, também, que, com as mesmas políticas, seria apenas um adiamento. Acabando tudo outra vez na austeridade da UE/BCE, a vida tornar-se-á cada vez mais intolerável, sem salário decente, sem tecto, sem médico.

É exactamente isso que permite ao fascismo do Ventura levantar a cabeça e destilar o seu veneno destinado a aliciar os mais desesperados.

Há poucos dias, a governadora do Banco Central Europeu fez um repto descarado aos trabalhadores portugueses e de toda a Europa. Disse assim: nas negociações salariais em curso em vários países, portem-se bem. Se aceitarem mais perdas de salário real, pode ser que a gente dê um jeitinho nas taxas. Se não, nada feito: tudo o que vocês conseguirem, o Banco vai-vos buscar ao bolso pelas taxas de juro e hipotecas...

Disse, no fundo, aos chefes do PS, PC e BE, com um sorriso irónico: ainda bem que vocês meteram a luta de classes na gaveta – porque nós, pela nossa parte, vamos continuar a travá-la sem piedade!

Enquanto for a Comissão Europeia e o BCE a mandar, os trabalhadores estarão sempre tramados. Para sair do impasse, é forçoso aceitar o repto da chefe do BCE: à luta de classe dos banqueiros, opor a luta de classe dos trabalhadores.

**A**s medidas urgentes necessárias para impedir o agravamento da situação dos trabalhadores são claras:

- **C**ongelar preços de produtos e serviços de primeira necessidade; impor um aumento geral de salários superior à inflação, para recuperar o poder de compra; indexar os salários à inflação.
- **D**ar contratos colectivos a todos, acabar com a caducidade, repor o princípio do tratamento mais favorável, dar laboralidade plena aos trabalhadores das plataformas, revogar toda a legislação antilaboral da troika e anterior.
- **R**equisitar casas devolutas e objecto da especulação dos fundos imobiliários para alojar famílias necessitadas e dar um tecto aos sem-abrigo.
- **C**onfiscar os sobre-lucros da banca e dos grandes grupos económicos.
- **L**ançar um programa de investimento maciço no SNS e no ensino público e satisfazer as reivindicações de médicos, enfermeiros, professores.
- **R**omper com a NATO e as suas guerras e com o diktat da Comissão Europeia e do Banco Central Europeu.

**E**ste caminho, o caminho da luta de classe, reclama, contudo, um partido dos trabalhadores completamente independente da direita, da burguesia, do Estado, da União Europeia e da NATO.

**U**m partido que preste contas apenas aos trabalhadores. Um partido que dependa, política e financeiramente, apenas dos trabalhadores.

**U**m partido que se concentre numa coisa apenas: ajudar a criar a máxima unidade para ganhar as lutas e conseguir as reivindicações e juntar forças para impor um governo dos próprios trabalhadores, que aplique as medidas urgentes e tire definitivamente a economia das mãos do punhado de grandes potentados que hoje nela mandam. Coligando-se com os trabalhadores dos outros países para realizar uma Europa livre, dos povos, socialista.

**P**ara ganhar esse repto, propomos-te: discutamos, juntos, como construir esse Partido dos Trabalhadores. Para isso criámos a Plataforma por um Partido dos Trabalhadores.

2 de Março de 2024



**Junta-te!**

Escreve-nos para: [a.internacional.pt@gmail.com](mailto:a.internacional.pt@gmail.com)  
O nosso espaço on-line é: <https://ainternacional.pt>

**plataforma por um Partido dos Trabalhadores**